

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do PAC Saneamento e Urbanização no estado do Mato Grosso do Sul

Campo Grande-MS, 31 de julho de 2007

Meu caro governador do estado do Mato Grosso do Sul, André Puccinelli,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil da Presidência da República,

Meu querido companheiro Márcio Fortes, ministro das Cidades,

Meu caro Murilo Zauith, vice-governador do Mato Grosso do Sul,

Meu caro deputado Jerson Domingos, presidente da Assembléia Legislativa do Mato Grosso do Sul,

Desembargador João Carlos Brandes Garcia, presidente do Tribunal de Justiça do Mato Grosso do Sul,

Senadores Delcídio do Amaral e Walter Pereira,

Nossa visitante ilustre do Mato Grosso, nossa querida Serys,

Deputados Antônio Carlos Biffi, Antonio Cruz, Dagoberto Nogueira Filho, Geraldo Rezende, Nelson Trad, Vander Loubet,

Senhor Nelson Trad, nosso querido Nelson, prefeito de Campo Grande,

Meu caro Ruiteir Cunha de Oliveira, prefeito de Corumbá,

Meu querido companheiro – permita chamá-lo assim – Petila, prefeito de Dourados,

Demais prefeitos e prefeitas presentes nesta cerimônia,

Meu caro Carlos Eduardo Xavier Marun, secretário de Habitação do estado do Mato Grosso do Sul e presidente do Fórum Nacional dos Secretários de Habitação,

Meus caros deputados estaduais,

Vereadores,

Secretários municipais,

Meu caro vereador Edil Afonso Albuquerque, presidente da Câmara Municipal de Campo Grande,

Vereador Mohamed, presidente da Câmara Municipal de Corumbá,
Vereador Carlos Roberto Assis Bernardes, presidente da Câmara
Municipal de Dourados,

Meus amigos, minhas amigas,

Edimar Fernandes Cintra, do Movimento Nacional de Luta por Moradia,

Antônio Carlos Rodrigues de Farias, dos Movimentos Populares,

Amigos da Imprensa,

Convidados,

Autoridades,

Ex-governador Marcelo Miranda,

Eu pensei que ia estar aqui o nosso querido companheiro Zeca do PT,
ex-governador,

Meu caro Bosco,

Minha apresentadora oficial de Campanha,

Meu caro Heitor,

Meu caro João Grandão,

Meus companheiros e minhas companheiras.

Meu caro governador,

Eu penso que na política nós temos momentos imensos de alegria, temos momentos imensos de tristeza. Eu tenho certeza de que já aconteceu com todos nós, que fazemos política, dias em que a gente levanta achando que não vale a pena, dia em que a gente levanta e conversa com a mulher da gente e diz: “Olha, eu vou abandonar tudo. Eu vou desistir porque tem momentos de ingratidão muito grande, tem momentos de frustração”. Quantas vezes queremos fazer uma coisa e, às vezes, até temos dinheiro, mas a estrutura funcional da burocracia, da legislação que nós mesmos aprovamos, não permite que as coisas aconteçam? Ora, nós temos problema no Ministério Público, ora nós temos problema no Tribunal de Contas da União, ora nós temos problema no Ministério do Meio Ambiente, ora nós temos problema na Advocacia-Geral da União, ora nós temos problema no Tribunal de Contas do estado, ora nós temos problema na Secretaria de Meio Ambiente do estado.

Na verdade, muitas vezes é difícil, e a gente não pode culpar ninguém, porque tudo faz parte de uma estrutura que todos nós montamos. Como

deputados, aprovamos as leis, demos poderes às instituições. E, como governantes, muitas vezes, somos beneficiados por elas existirem e, muitas vezes, somos prejudicados por elas existirem. Esse é o preço da governabilidade.

Hoje, especialmente, é um momento gratificante. Gratificante por quê? Porque o meu amigo Orlando Silva, que não é o cantor, que os mais velhos tanto admiraram, aliás, uma das mais belas vozes deste País, me comunicou que Campo Grande foi incluída entre as 18 cidades apresentadas para a Fifa, hoje, para possíveis sedes da Copa de 2014. Em agosto e setembro, virá uma delegação da Fifa, junto com a CBF, visitar a cidade para analisar, das 18 apresentadas, quais as 12 que ficarão como sede para a Copa do Mundo.

Bem, meu queridos prefeitos e governador, eu quero, primeiro, comunicar que a Fifa é muito exigente. Eu acho que se depender de segurança pública, Campo Grande tem condições. Se os jogadores que aqui vierem jogar quiserem conhecer um pouquinho do Pantanal, têm motivações, e se depender do carinho do povo, então a Fifa não terá como não escolher Campo Grande. Obviamente que tem que ter um belo projeto de estádio, obviamente que as empresas locais têm que querer participar, porque nem o governo municipal, nem o governo estadual e nem o federal podem construir estádios. É importante, então, que os empresários aprendam com o que aconteceu na Alemanha e resolvam fazer uma belíssima proposta. Então, essa é a primeira coisa importante no dia de hoje.

A segunda coisa importante, eu quero que vocês compreendam, é que a alegria de você governar uma cidade, de você governar um estado ou uma nação, é começar a concretizar determinados sonhos. E, muitas vezes, você realiza um sonho, as pessoas já estão reivindicando mais. O Puccinelli, quero fazer justiça aqui, muito educado, perguntou para mim se ele poderia, se não seria deselegante, no momento em que a gente está anunciando um conjunto de obras, reivindicar outro conjunto de obras. Eu duvido que tenha filho que se contente com os 10 reais que a mãe lhe dá nas sextas-feiras para sair. Ele, na verdade, está querendo R\$ 20 ou está querendo R\$ 30. E o Nelsinho, muito jeitoso – aliás, o pessoal daqui está muito jeitoso – o Nelsinho, muito jeitoso, falou: “Olha, Presidente, se o senhor não se importar, eu vou bater na sua porta outra vez”. Eu queria te dizer, Nelson, que fui criado e aprendi muito

pequeno com a minha mãe, que, quando alguém batia na porta da nossa casa, a gente abria e mandava a pessoa entrar. E isso não é todo mundo que faz, porque tem egoísta que, quando alguém bate à porta, não recebe sequer uma voz dizendo que não está, mas o latido de um doberman, de um cachorro daqueles bem fortes, para atender as pessoas. Eu estou dizendo isso brincando, mas é verdade. Eu sou de um tempo em que um mendigo batia na porta, a gente abria e mandava entrar para almoçar com a gente. Hoje, o mundo está ficando tão perverso que quem tem um real não abre a porta pensando que a pessoa vai lhe pedir 50 centavos emprestados. O mundo está sendo conduzido a se tornar menos solidário, mais pequeno nas atitudes humanistas, e isso, obviamente, prejudica muita gente. Antigamente, você passava numa rua, tinha um cidadão acidentado, paravam 100 pessoas para ver, para cuidar. Hoje, ninguém pára, porque ninguém quer ser testemunha, pois depois fica quatro horas na polícia prestando esclarecimentos. Então, todo mundo começa a fugir. Nós estamos vivendo um momento em que somos individualistas, o que interessa é a nossa salvação, os nossos pares que se danem.

O PAC é uma mudança. Puccinelli, eu quero que você entenda, Nelson, Petila e demais prefeitos, que o PAC é uma mudança. O PAC é uma ação solidária entre entes federados. Eu poderia ter anunciado o PAC em agosto do ano passado, poderia ter anunciado em setembro. Anunciado o PAC, colocava na televisão, estava em campanha mesmo, falava dos R\$ 504 bilhões. E qual foi o cuidado que nós tivemos? O cuidado foi de não permitir que o PAC fosse utilizado com instrumento político-eleitoral, porque senão ele poderia não dar certo. Então, em vez de anunciar na época da eleição, corremos o risco – nem tanto risco assim, mas sempre poderia ter facilitado – e deixamos para lançar o PAC no dia 22 de janeiro. Depois que anunciamos o PAC, descobrimos a necessidade de juntar os governadores de cada estado e os prefeitos que iriam ser beneficiados para montar uma cumplicidade. Porque é verdade que o governador, muitas vezes, fala mal do presidente, o prefeito fala mal do governador e o município fala mal do prefeito. E, obviamente, todo mundo termina falando mal do presidente da República. O presidente da República, como não ouve todo mundo falar mal, porque estamos distantes um do outro, ou seja, o presidente da República não pode reclamar para o Papa, que já me

disse que não está a fim de ouvir as minhas queixas, eu converso com Deus, mas vocês também conversam, e vocês acreditam que ele está favorável a vocês, eu acredito que ele está favorável a mim, então, o jogo termina empatado. Nós resolvemos o seguinte: para acabar com isso, vamos juntar todo mundo e fazer um programa em que todos tenham responsabilidade perante o povo. Qual foi o critério? A Dilma já disse, mas eu vou repetir: pegar as cidades que tenham os maiores problemas. Isso é como um hospital, gente, quem é médico aqui sabe. Você, num hospital, está lá o Lula para ser atendido com dor de barriga. Mas se entrou um cara com infarto, ele passa na frente de todo mundo e tem que ser atendido, porque senão ele morre e a diarreia do Lula passa. Pois bem, nós escolhemos as piores, não as piores cidades, mas que têm os mais graves problemas, aquelas que são problemas estruturantes. Porque se a gente pega R\$ 300 milhões e coloca 5 milhões em cada cidade, a gente termina atendendo 300 prefeitos, mas não resolve nenhum problema. E o Nelson me mostrou um mapa das coisas que vamos fazer aqui. Dilma, ele não te deu de presente, eu vou ter que te dar de presente isso aqui, porque eu achei esse mapa uma demonstração extraordinária da grandeza da ação. Ou seja, toda essa parte, o que for favela vai ser tirada, vão ser construídas casas, vai-se urbanizar, vai ter pista para “nego” andar de bicicleta, para gente andar a pé, vai ter umas pracinhas para namorar, vai ter de tudo aqui. Na verdade, com isso e com outros investimentos, Campo Grande pode se tornar a primeira capital do Brasil a não ter favelas, o que seria uma coisa extraordinária.

Pois bem, o mesmo vale para as outras cidades. Agora, me preocupa como os prefeitos das outras cidades, que não foram citados aqui, vão sair falando do presidente, do governador, da Dilma, do Márcio. Me preocupa. Olha, não tenham preocupação, porque nós temos duas coisas: uma está escrita ali, naquele cartaz, que é o FNHIS, são 2 bilhões de reais este ano, 2 bilhões no ano que vem, e tem o PAC da Funasa. O PAC da Funasa, que nós vamos anunciar dentro dos próximos 15 ou 20 dias, e vai-se repetir a mesma coisa, a Dilma vai conversar com os governadores e com os prefeitos, para que a gente não ceda apenas aos interesses eleitorais do ano que vem, mas para que a gente ceda em função das necessidades reais do povo de cada cidade. O que vai acontecer? Com uma parte do dinheiro do PAC da Funasa nós vamos levar esgotamento sanitário e água potável para 90% das comunidades indígenas do

nosso País. Noventa por cento, até 2010, terão esgotamento sanitário e água potável. Uma outra parte nós vamos levar para os quilombos que estão estruturados, queremos, até 2010, também levar água e esgoto para 50% dos quilombos.

E com os R\$ 3 bilhões e 300 ou R\$ 3 bilhões e 400, que vão sobrar, nós queremos pegar as cidades até 50 mil habitantes e, nessas cidades, a gente vai tentar escolher aquelas que tenham, na região Norte do País, maior incidência de malária e, na região Nordeste do Brasil, aquelas que tenham maior incidência de Doença de Chagas, para a gente acabar com essas duas doenças crônicas que têm vitimado tanta gente neste País.

Bem, ao fazermos isso, estaremos dando um passo importante, porque no Brasil não se tem o hábito de fazer investimento em saneamento básico. Saneamento básico, normalmente, é uma obra que nem todo mundo gosta de fazer. Muitas vezes, saneamento básico é uma obra em que você enterra dinheiro, enterra o tubo, depois mete terra em cima, quem passa não vê, não pode ter nome da mãe, não pode ter nome de presidente, não pode ter nome de governador, está enterrada. Então, as pessoas, no Brasil, preferem fazer obras que tenham visibilidade, aquelas que todo mundo passa e vê: “Nossa, que ponte! Nossa, que coisa!”. Aquilo termina sendo utilizado para voto, e não dá para você fotografar uma manilha na época da eleição.

Agora, como a nossa geração de políticos está ficando inteligente, a gente não quer mostrar uma obra de concreto com esse programa. O nosso troféu, nos próximos anos, será mostrar uma criança sadia brincando na rua sem esgoto a céu aberto, uma criança com a dentição boa, porque tem água potável e tratada para beber. É esse o troféu que nós queremos carregar para disputar as eleições para a frente. E eu digo “nós” porque são vocês que vão disputar eleições, porque eu encerro.

Agora, esse troféu, ele ainda tem muito mais coisas. Essas coisas que o Puccinelli me entregou, várias delas, pode ficar certo, Nelson, umas já estão dentro do PAC, outras estão sendo estudadas, e nós chegamos à conclusão, não por que estamos falando, mas porque os números demonstram, que estamos vivendo um momento em que o Brasil não tem que pedir licença para ninguém. Não sou eu que estou falando isso. Eu sei que, de vez em quando, alguém fica magoado porque o Lula está falando dos governos passados, está

falando não sei de quem. Não, não é o Lula quem fala. Quando nós entramos no governo, qual era o medo que vocês tinham? Eu posso olhar na cara de muitos de vocês. Qual era o medo que vocês tinham? “O Brasil está quebrado, não vai dar certo, esse pernambucano, torneiro mecânico, não vai conseguir, o Brasil está devendo, esse cara não fala nem inglês, como ele quer governar o País sem falar inglês”? Era assim.

Vejam os números. Quando nós entramos, o Brasil não tinha dinheiro para pagar as suas importações. Hoje, além de um superávit comercial de mais de 40 bilhões de dólares, nós temos, em reservas – Dilma, hoje você comeu 4 bilhões do Tesouro – 154 bilhões de dólares, ou seja, dinheiro nosso, que nos dá credibilidade para andar de cabeça erguida em qualquer lugar do mundo. Deve ter três ou quatro países do mundo que têm reservas maiores que a nossa: a China, a Rússia, a Índia e depois o Brasil. Não tem outro. E nós fizemos reservas porque entendemos, como entende uma dona de casa quando chega no final do mês e se senta com o marido para discutir o salário, que tem que guardar uma reserva para pagar o ônibus, quando acabar o dinheiro, por causa de uma eventualidade de doença... Ora, se a gente gasta tudo e não cuida da saúde, como é que vai ficar? Hoje, este País, Puccinelli, eu posso te dizer, e falo sem medo de errar, outra vez, falo para os economistas que estiverem aqui e para quem quiser: eu duvido que tenha havido na história da República brasileira um momento em que a gente tivesse tanta robustez na economia como nós temos hoje. Qualquer número que você quiser analisar, qualquer número, seja de exportação, seja de importação, seja de superávit de conta corrente, seja de superávit comercial.

Quem foi deputado constituinte aqui? Você está lembrado de qual era a nossa briga, senador? A nossa briga eram os juros de 12% e já estamos a menos, já estamos a 11% e pouco e vamos chegar a cair cada vez mais. Vamos chegar a um patamar de juros, num curto espaço de tempo, que jamais um brasileiro que faz política acreditava que nós pudéssemos chegar. Então, quando eu falo que nós vamos realizar muitas coisas que ainda estão reivindicadas, Puccinelli, é porque é possível realizar. E eu sei que isso incomoda algumas pessoas. Eu passei ali e tinha meia dúzia de meninos gritando “fora, fora”. Alguém de vocês, que tem mais idade, diga para eles que a eleição acabou em outubro e que o mandato é de quatro anos. O mandato é

de quatro anos. Mandem eles se prepararem para a próxima. Essa já foi. Da mesma forma que foi para o Puccinelli. Está aqui o Delcídio, que disputou as eleições, perdeu, mas está aqui. Ele poderia estar de bico ali fora, mas está aqui, que é o papel de quem exerce o mandato de senador.

As pessoas, neste País, precisam aprender a não brincar com a democracia. A democracia é uma conquista que levou muita gente ao sofrimento. Eu vou dizer para vocês: uma companheira como a Dilma, que está aqui, com essa cara de fada, ficou três anos e meio presa por lutar por liberdade neste País, não foram três dias, não. Agora, as pessoas acham que podem indicar alguém agora e amanhã gritar “fora, fora, eu não gostei”. Ora, meu Deus do Céu! Eu brinco com isso porque esses dias eu fiquei lendo, aí: “Ah, porque o presidente não vai sair mais, porque o presidente vai ficar dentro do gabinete”. Eu queria dizer uma coisa: quem achar que pode me vencer na rua, pode tirar o cavalo da chuva, porque de rua eu entendo e entendo muito.

Eu só acho que um presidente da República não pode fazer campanha por 4 anos. O Puccinelli e o Nelson queriam fazer esse ato em praça pública, queriam fazer um negócio para trazer 5, 10 mil pessoas. Em todos os estados em que eu vou o governador fala: “Não, vamos fazer na rua”. Não, isso aqui é um ato institucional, isso aqui é um ato em que a gente está tratando do dinheiro público, acordo com prefeituras, tem que ser um ato solene, não pode ser um comício, todo mundo mal vestido, suado, gritando. Não, isso aqui é um ato solene. Isso aqui é uma fotografia, meu caro Puccinelli, da boa relação, civilizada, que a classe política precisa aprender a ter, porque quando a classe política é pequena, quando ela acha que, por ser de outro partido, não pode participar de nada, quando as pessoas ficam com “beicinho”: “Ah, o presidente vai lá, eu não vou porque sou de oposição”, quando a gente faz burrice em política, quem perde é o povo deste País, são os trabalhadores deste País, são as pessoas mais pobres deste País.

O PAC é um gesto de educação civilizada da política. Nós aqui estamos, eu duvido que tenha um prefeito deste estado ou de qualquer estado do Brasil, que um dia tenha ouvido da minha boca a pergunta: “A que partido você pertence?”. Duvido. Mesmo aquele que mais me odeia, que já conversou comigo, eu duvido que ele possa dizer que algum dia eu perguntei a que partido ele pertencia. O Puccinelli sabe, já conversamos várias vezes, eu nunca

perguntei: “Puccinelli, você vai me apoiar? Pelo amor de Deus me apóia”. Não, o Puccinelli conquistou a independência política dele há muito tempo.

O que nós precisamos ter entre nós é uma relação política, com P maiúsculo. É ele saber defender os interesses do estado, como está defendendo aqui, os prefeitos defenderem os interesses da prefeitura, como defenderam, e eu ter o direito de atender e de dizer não, tratá-los como companheiros, porque companheiro diz não, aquele que não é companheiro mente. Quantas promessas de obras vocês já tiveram aqui, ao longo dos últimos 20 anos? Você foi governador, Marcelo Miranda, quantos presidentes vieram aqui oferecer coisas para você e até hoje não saíram? Eu prefiro não prometer o que não posso fazer. É mais fácil contar uma mentira. A mentira é a coisa que você conta, que cabe em todos os gostos, a verdade às vezes é dura. Mas eu prefiro dizer uma verdade, quando você tiver direito, Puccinelli, dizer: “Puccinelli, você vai levar essa, Nelson, você vai levar essa, todos os prefeitos, vocês vão levar”. Agora, quando tiver que dizer não, eu quero ser tratado com o mesmo respeito de quando eu disse sim, porque eu disse não em torno de uma coisa que era necessária dizer.

Então, meus companheiros e companheiras, nós tínhamos que aproveitar esse momento excepcional que vive o Brasil, um momento excepcional. Falta muita coisa para fazer? Falta. Mas é importante lembrar que desde os anos 80 este País não cresce. Essa geração que estamos vendo na cadeia com 24 anos, esses adolescentes, não são filhos do Lula, não, são filhos do modelo econômico implantado neste País na década de 80, são filhos da dívida externa, são filhos do ajuste fiscal. E querem que eu resolva em quatro anos o que eles não resolveram em 100? Não!

Olhem, eu vou dizer uma coisa para vocês: o que incomoda pouca gente, neste País, é o seguinte... Eu agradeço à imprensa. Houve um tempo, em 2004, 2005, em que eu vivia agoniado porque a imprensa daqui, do estado, mostrava todo dia as crianças morrendo lá em Dourados, na comunidade indígena Guaraní-Kaiwá. Aquilo me incomodava barbaridade, não apenas porque eram índios, mas porque eram crianças que morriam. Então, eu reunia as pessoas, pedia explicação e nem sempre me convenciam. Até que eu montei um pelotão de choque, com companheiros de vários Ministérios, e viemos para cá. Foram feitas ações políticas, foram feitas habitações,

melhoraram as habitações, melhorou a água, melhorou tudo mais, e hoje parece-me que diminuiu a mortalidade infantil em 80%, 82%. Eu não queria nada, eu só queria que a imprensa, que fazia a acusação, fosse lá – pelo amor de Deus, não precisa falar bem do governo – e dissesse o seguinte: “Em função das denúncias que fizemos em 2004, as crianças pararam de morrer e hoje diminuiu em 82%...”. Dêem a notícia, só isso. Podem requisitar o mérito para vocês, mas dêem a notícia, porque senão as pessoas que ouviram apenas que estavam morrendo lá, podem não saber que está melhorando. E podem dizer o seguinte: “O governo não fez nada, foi a denúncia que resolveu”, e eu já me contento.

Às vezes eu fico imaginando que, se as coisas fossem feitas da forma mais ordenada possível, a gente trabalhando com juízo, a gente poderia fazer as coisas acontecerem neste País muito mais rapidamente. Se a gente pudesse colocar “eu quero fazer coisas ainda”, por exemplo, a Universidade de Dourados, como ela foi feita, Petila? Uma menina, em um ato que nós fizemos, chorando falou: “Por que aqui não tem uma universidade?” Eu falei: vamos ver se é possível fazer. E era possível fazer e Dourados é uma cidade que comporta uma universidade. Eu, se Deus quiser, virei inaugurar essa universidade junto com você, com o Governador, porque é um prêmio.

Mas, o que incomoda mais, meus caros deputados, e vocês podem ter consciência disso, é que nós vamos terminar este mandato de 2010, com 160 escolas técnicas feitas em oito anos, contra 140 feitas em 97 anos, ou seja, eu tenho 10% do tempo em que foi feita a primeira escola técnica, que foi em 1909. De lá até 2003 foram feitas 140, e nós, em oito anos, vamos fazer 160 escolas técnicas neste País. Da mesma forma que incomoda a algumas pessoas pegar a quantidade de universidades que nós vamos fazer até terminar o nosso mandato. Aí, quando vocês pegarem os livros de história, vocês vão ver “puxa vida, por que foi exatamente um torneiro mecânico, sem diploma universitário, que fez mais escolas técnicas e mais universidades”? Talvez, porque eu não tive a chance de estudar e tenho consciência de que tem muita gente que não teve chance de estudar. É por isso que eu estou fazendo, que nós estamos fazendo.

Eu lembro, Nelson, que tem gente que tem mágoa do ProUni, “porque eu estou pagando e tem gente que pode fazer de graça”. Ora, gente, o que nós

fizemos, e essa é uma dádiva de Deus, é que colocamos mais 320 mil jovens da periferia na universidade. São 320 mil jovens que nós tiramos do fio da navalha para cair na criminalidade, para se prostituir, e demos a chance deles estudarem. Vocês estão lembrados de que quando nós fizemos isso, Puccinelli, houve uma manchete que dizia o seguinte: “Presidente Lula nivela o ensino universitário por baixo”. O que era a tese? Na hora em que você coloca pobre, cai o nível da universidade. No ano passado, como Deus escreve certo por linhas tortas, o Ministério da Educação fez a aferição dos alunos brasileiros e, em 14 matérias, entre as quais engenharia, medicina, arquitetura, os 14 melhores alunos eram exatamente os pobres do ProUni que chegaram à universidade brasileira. Por quê? Porque eles tiveram uma chance. E o que nós precisamos é trabalhar para dar mais chances para as pessoas.

Quando eu pensei no PAC e pensei no saneamento básico, eu dizia, hoje, lá em Cuiabá: eu agradeço a Deus por ter acontecido comigo o que aconteceu quando eu tinha 20 anos de idade. Eu, meu caro Puccinelli, morava na Vila Carioca, em São Paulo. Garoava no Brasil, enchia a Vila Carioca. Depois, eu me mudei para Ponte Preta, divisa com São Caetano, três enchentes seguidas de um metro e meio dentro de casa. Então, eu sei o que é acordar meia-noite, com água batendo na cama, com rato tentando sobreviver, com barata e fezes boiando dentro do quarto. Eu sei o que é levantar, uma hora da manhã, levanta a cama – eu não tinha nem geladeira – levantava o fogão, que era o móvel mais importante que eu tinha na minha casa, levantava o guarda-roupa velho, porque naquele tempo o povo não estava organizada para pedir como agora, não. E a gente, quando ganhava, ganhava colchão de capim para dormir e ainda agradecia a Deus. Eu, depois, mudei para uma casinha, na Vila João José, e achei que eu estava salvo. Mudei, acho que em setembro, em janeiro, 1 metro e 60 centímetros de água acabou com a minha casa. O que eu não tinha, acabou. Então, eu sei o que é o sofrimento do povo que mora em lugares inadequados.

Então, obviamente, tem gente que fala: “Esse Lula é louco, gastar 40 bilhões com saneamento básico, enterrar 40 bilhões, poderia fazer praças, poderia fazer um clube em Campo Grande que tivesse uma piscina com ondas artificiais”. Tem gente que pensa isso: “Está jogando dinheiro fora fazendo coisa para pobre”. Eu não estou fazendo coisas apenas para pobres, eu estou

fazendo e pagando uma dívida que os governantes brasileiros contraíram durante séculos com a parte mais pobre da população brasileira, é o pagamento de uma dívida. E, obviamente, isso não agrada às pessoas. Aliás, Puccinelli, você sabe, todo mundo aqui sabe, pobre só é tratado com decência na época da eleição. Na época da eleição, 10 pobres valem mais que um jantar com um banqueiro. Mas, depois das eleições, meio banqueiro vale mais do que 10 mil pobres. Essa é a realidade brasileira e nenhum de nós, individualmente, tem culpa, é assim a cultura política deste País. Agora, qual é o legado que nós queremos deixar para os nossos filhos, para os nossos netos? É a mesma coisa ou nós vamos mudar? Pois bem, o PAC é o começo da mudança.

Portanto, meu caro Prefeito, meu caro Governador, meus companheiros prefeitos de cidades pequenas, que Deus nos abençoe. Quem aprendeu a fazer um PAC... Eu digo sempre o seguinte: “Quem saiu de Pernambuco para não morrer de fome e chega à Presidência da República, eu diria, não tem obstáculo que a gente não consiga vencer, tudo será mais fácil de fazer”.

Que Deus abençoe todos vocês e até a próxima volta ao Mato Grosso do Sul e a Campo Grande.